
As músicas do Emicida no contexto de resistência cultural contra o racismo¹

Mariana Vallareto NERY²

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo analisa o contexto histórico, destacando os principais eventos sobre o racismo na sociedade negra do Brasil e a construção das músicas, clipes e documentários produzidos pelo cantor de rap e hip hop Emicida. Neste trabalho foram analisadas as músicas AmarElo, Levanta e Anda e o documentário AmarElo – É Tudo Pra Ontem para compreender como as criações artísticas são usadas para disseminar ideologias contra o racismo brasileiros nos âmbitos do audiovisual e das redes sociais. Através dos conteúdos reproduzidos nos contextos das músicas do cantor Emicida é possível analisar uma parcela significativa da desigualdade e das dificuldades das pessoas marginalizadas – negros e periféricos.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; consumo; música; racismo; resistência.

INTRODUÇÃO

A abolição da escravidão foi parte de um processo que beneficiava a burguesia e a coroa portuguesa. Esse processo ocorreu por ideologias europeias de igualdade e fraternidade constituídas na Revolução Francesa, o desenvolvimento industrial e a necessidade de construir um comércio e compradores assalariados. Para alguns especialistas, a Lei Áurea serviu para responder às pressões sociais e econômicas de um mundo novo sem, de fato, dar poder aos negros e, assim evitar que uma revolução surgisse entre as camadas mais baixas da população contra a elite do país.

Sabemos que o colonialismo europeu, nos termos com que hoje definimos, configura-se no decorrer da segunda metade do século XIX. Nesse mesmo período, o racismo se constituía como a "ciência" da superioridade euro cristã (branca e patriarcal), na medida em que o modelo ariano de explicação viria a ser não apenas o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista das nascentes ciências do homem, como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental. Vale notar que tal processo se desenvolveu no terreno fértil de toda uma tradição etnocêntrica pré-colonialista (século XV - século XIX), que considerava absurdas, supersticiosas ou exóticas as manifestações culturais dos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) - ESPM.

povos "selvagens", daí a "naturalidade" com que a violência etnocida e destruidora das forças do pré-colonialismo europeu se fez abater sobre esses povos. (GONZALEZ, 2019, p. 343)

No artigo *Cidadania e consumo em Lado a Lado: a telenovela como espaço de expressão de uma nação em (trans)formação*, a pesquisadora Marcia Tondato (2013), relata os conceitos históricos da sociedade no final do século XIX, que representaram o período da sociedade brasileira que estava saindo do império, libertando os escravos e em processo de modernização, caracterizada pela abolição da escravidão, preconceitos, racismos, consolidação do consumismo e do papel de cidadão na sociedade brasileira. Neste contexto histórico a atuação da imprensa debatendo a liberdade de expressão, a representação de práticas culturais, esportivas e de consumo. Esta representação reflete no entendimento da cidadania e na participação do indivíduo comum nos destinos da sociedade que permitem que as desigualdades sejam aceitas e os espaços sejam diferenciados, caracterizados como espaços para ricos e pobres, e representados como “objetos de desejo”, onde a população que, tirada das senzalas, não tem definido um espaço “seu”, onde seja permitido estabelecer um convívio social, fazer compras, estudar e se divertir. O hábito de fazer compras também passa a ser constituído, pois até a abolição da escravidão, os negros não tinham salário e, conseqüentemente, o direito de fazer compras, “o direito a um emprego digno representa outro aspecto da cidadania. Depois da libertação, os ex-escravos e seus filhos devem ter um “emprego pago”, que lhes provenha subsistência. Na novela, resta-lhes trabalhar como barbeiro, pedreiro, biscateiro (dando margem à ilegalidade)” (TONDATO, 2013, p. 8-9).

Os problemas do colonialismo refletem os problemas da sociedade atual (século XXI), onde a desigualdade social e a marginalização das principais comunidades negras brasileiras ainda estão presentes nas grandes cidades. De acordo com a Agência Brasil³, em uma notícia publicada em 2016, a dificuldade de os negros conseguirem entrar em uma faculdade são altas, por conta do histórico de repetência no ensino fundamental e ensino médio ao longo de suas vidas. Em uma pesquisa realizada pelo IBGE⁴ demonstra que as pessoas pretas e pardas têm mais probabilidade de viver em lares em condições

³Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>. Acesso em: 10/05/2021.

⁴Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>>. Acesso em: 10/05/2021.

precárias, sem acesso a água, esgoto e coleta de lixo, em relação à população que se declara branca.

De acordo com Joana Célia dos Passos (2010), no artigo “As desigualdades educacionais, a população negra e a Educação de Jovens e Adultos”⁵, o racismo é estruturante das desigualdades a que está submetida a população negra, pois, incide sobre os negros e determina as suas condições sociais por gerações. O racismo consiste como elemento de estratificação social que se materializou na cultura, no comportamento e nos valores dos indivíduos e das organizações sociais na sociedade brasileira, perpetuando uma estrutura desigual de oportunidades para os negros.

Quando analisamos a estratégia utilizada pelos países europeus em suas colônias, verificamos que o racismo desempenha um papel fundamental na internalização da “superioridade” do colonizador pelos colonizados. E ele apresenta, pelo menos, duas faces que só se diferenciam como táticas que visam ao mesmo objetivo: exploração/opressão. Refiro-me, no caso, ao que comumente é conhecido como racismo aberto e racismo disfarçado. O primeiro, característico das sociedades de origem anglo-saxônica, germânica ou holandesa, estabelece que negra é a pessoa que tenha tido antepassados negros (“sangue negro nas veias”). De acordo com essa articulação ideológica, miscigenação é algo impensável (embora o estupro e a exploração sexual da mulher negra sempre tenham ocorrido), na medida em que o grupo branco pretende manter sua “pureza” e a reafirmar sua “superioridade”. (GONZALEZ, 2019, p.344)

No período de Ditadura Militar, representantes e militantes de diversos grupos se reuniram como resposta à discriminação racial sofrida por quatro garotos negros do time infantil de vôlei Clube de Regatas Tietê, que foram impedidos de entrar na piscina. O estupro para o ato também aconteceu, por causa da prisão, tortura e morte do trabalhador e pai de família Robinson Silveira da Luz, acusado de roubar frutas numa feira, sendo torturado no 44º Distrito Policial de Guaianases e falecendo por conta das torturas. A partir desses fatos, cerca de duas mil pessoas, entre elas: atletas, artistas e entidades se uniram e criaram o Movimento Negro Unificado, para desmascarar o racismo velado da sociedade nacional. Um marco na resistência contra a Ditadura Militar que aconteceu nas escadarias do Theatro Municipal, no dia 07 de julho de 1978.

Como uma forma de reafirmar esse marco contra o racismo, o cantor de rap e hip hop Emicida fez um show no Theatro Municipal, na cidade de São Paulo, no ano de 2019,

⁵ Disponível em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pacto_nacional_em/artigos/desigualdades_educacionais_eja.pdf. Acesso em: 10/05/2021.

conforme apresentado no seu documentário AmarElo - É Tudo Pra Ontem, na Netflix⁶. No documentário, o cantor relata o processo de criação das músicas do álbum e reforça o contexto histórico que foram suas referências para criação dos discursos compostos nas músicas.

A representatividade do show de rap e hip hop realizado no Theatro Municipal provém do conceito tratado pelo Kellner (2001), no livro *A Cultura da Mídia*. Para ele, desde 1970 e 1980, o rap e o hip hop são estilos musicais que são utilizados pelos negros urbanos como um fórum cultural para expressar suas experiências, preocupações e visões políticas. Os dois estilos musicais tiveram o seu início nos Estados Unidos, onde os negros que viviam nos guetos e nas regiões marginalizadas do país, expressavam a sua raiva diante da crescente opressão e da diminuição das oportunidades de progresso. Os estilos musicais são caracterizados pelas letras das músicas que são faladas de formas rápidas e às vezes interpretadas apenas pelo próprio cantor. Este fato geralmente chama a atenção apenas para si com o intuito de reafirmar sua identidade e autoafirmação no mundo hostil em que vive. O rap e hip hop também são caracterizados por abordar a recusa sobre a submissão e opressão e frequentemente abordam sobre grupos sociais que estão fazendo algo, assim como heróis e tradições negras radicais do passado recente.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar as músicas de rap e hip hop: AmarElo, Levanta e Anda e o documentário AmarElo - É Tudo Pra Ontem para compreender como o cantor Emicida representa suas experiências relacionadas ao racismo e dificuldades da sociedade periférica nas suas composições, a partir do conceito de decolonialidade, do Nelson Maldonado-Torres (2018). Para ele, o conceito de decolonialidade oferece duas perspectivas: primeiro, mantém-se a colonização e suas várias dimensões claras no horizonte da luta; segundo, serve como uma constante lembrança de que a lógica e os legados do colonialismo podem continuar existindo mesmo depois do fim da colonização formal e da conquista da independência econômica e política. A partir deste conceito é possível compreender que para os negros, o legado do colonialismo patriarcal e branco continua influenciando no cotidiano e na forma como a sociedade os tratam, principalmente após a abolição da escravatura, ocorrida no Brasil,

⁶ Plataforma de streaming.

em 1888, pela Lei Áurea⁷. Para complementar o estudo sobre raça, racismo e cultura é trabalhado neste artigo os conceitos dos estudos culturais Stuart Hall (2006) e Homi K. Bhabha (1998), para analisar os processos culturais envolvidos na constituição das músicas do cantor Emicida.

Por fim, demonstrar de maneira breve como o artista Emicida e a sua equipe trabalham este material como um meio de divulgação midiático com a base teórica do pesquisador Jeder Janotti Junior (2006), no artigo “Por uma análise midiática da música popular massiva. Uma proposição metodológica para a compreensão do entorno comunicacional, das condições de produção e reconhecimento dos gêneros musicais”.

METODOLOGIA

De acordo com Stuart Hall (2006), no livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influenciam e organizam tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam o presente com o passado e as imagens que são construídas com esses repertórios.

Em primeiro lugar, há a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de histórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membros de tal "comunidade: imaginada", nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. (STUART, 2006, p.52)

Nesse caso, a cultura brasileira representa a miscigenação do seu povo, os índios e de diversos imigrantes de todo o mundo, desde negros, europeus e até japoneses. No Brasil, a cultura nacional é formada pela constituição de diversas culturas que simbolizam sua história de colonização e imigração. Porém, de acordo com o autor, a cultura nacional

⁷ Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-o-real-interesse-por-tras-da-libertacao-dos-escravos-no-brasil/>. Acesso em: 10/05/2021.

está fadada a não ser uma razão única, a cultura é constituída sobre uma estrutura de poder cultural. Para entender este conceito é necessário refletir sobre os pontos abaixo:

- Em uma visão analítica dos conceitos de Stuart Hall (2006), a maioria das nações consiste em culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquistas violentas - isto é, pela supressão forçada das diferenças culturais. "O povo brasileiro" é constituído por uma série desse tipo de conquistas – portuguesa, espanhola, britânica, francesa. Ao longo de toda a América, essa história se repete. Cada conquista subjugou povos conquistados e suas culturas, costumes, línguas e tradições, e tentou impor uma hegemonia cultural unificada. Como observou Stuart (2006) no seu estudo, os começos violentos que se colocam nas origens das nações modernas, têm primeiro, que ser "esquecidos", antes que se comece a forjar a lealdade do corpo como uma identidade nacional mais unificada e homogênea. Assim, a cultura brasileira, a cultura do índio e do negro que foi obrigado a trabalhar como escravo no Brasil e ser retirado do seu convívio e culturas nativas, não consiste em uma parceria igual entre as culturas componentes dos europeus que colonizaram o território brasileiro, mas da hegemonia efetiva da cultura de todos os povos que imigraram e construíram o Brasil.
- De acordo com Stuart Hall (2006), em segundo lugar, as nações são sempre compostas de diferentes classes sociais, grupos étnicos e de gênero. Por exemplo, o brasileiro moderno foi constituído por uma miscigenação de raças e etnias. Em sua maioria, o povo brasileiro possui no sangue descendência indígena ou negra. Porém o branco ou o indivíduo com descendência europeia, ainda é considerado mais privilegiado, por conta do processo de colonização. O mesmo argumento pode ser repetido a respeito do gênero, ou seja, os significados e os valores do homem branco têm fortes associações às classes mais altas da sociedade. As mulheres brancas possuem oportunidades, mesmo em um Brasil machista. Mas uma mulher negra é marginalizada e sempre ocupa um papel secundário como empregada doméstica, babá ou caixa de mercado.
- Em terceiro lugar, as nações ocidentais europeias modernas foram também os centros de impérios ou de esferas de influência, exercendo uma hegemonia cultural sobre as culturas dos colonizados, conforme demonstrado nos exemplos acima. Dessa forma, ele conclui que em vez de pensar as culturas nacionais como

unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo "camufladas" apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural.

Para complementar o pensamento de estudos culturais, o autor Homi, K. Bhabha (1998), contempla o caráter não científico do termo "raça" é como este termo não afeta o modo "como a lógica racial e os quadros de referência raciais são articulados e acionados." Dessa forma, a sociedade enfrenta um racismo que evita ser reconhecido como tal, porque é capaz de alinhar "raça" com racionalidade, patriotismo e nacionalismo. Um racismo que tomou uma distância necessária das grosseiras ideias de inferioridade e superioridade biológica e busca apresentar uma definição imaginária da nação como uma comunidade cultural unificada. O racismo constrói e defende uma imagem de cultura nacional - homogênea na sua branquitude, embora precária e vulnerável ao ataque dos inimigos internos e externos. Este é um racismo que responde à turbulência social, a política da crise e à gestão desta crise através da restauração da grandeza nacional na imaginação.

Conforme demonstra Gonzalez (2019), no texto "A categoria político-cultural da Amefricanidade", na cultura e no ponto de sua articulação da identidade, os indivíduos buscam por questões de significação. Esta não é apenas uma questão de linguagem; é a questão da representação que difere uma cultura pela cultura - modos, palavras, rituais, hábitos e tempo. Dessa forma, os brasileiros ou americanos que são descendentes dos africanos e identificam-se como negros, possuem um aspecto maior do que apenas representar a resistência cultural negra, mas sim representar a resistência cultural sobre um negro americano, com hábitos culturais miscigenados, que lutam contra o racismo, mas faz parte de uma cultura onde não existe apenas precedentes negros, mas sim indígenas, brancos, europeus e de outras etnias. Os negros americanos, por sua vez, são únicos e sua resistência está relacionado contra o racismo e branquitude europeia ocidental presente em um país. Este fato também acontece no Brasil que possuem em sua sociedade 54% da população negra, segundo o IBGE⁸. Ou seja, mais da metade da

⁸ Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>. Acesso em: 16/05/2021.

sociedade é negra e constituída em uma cultura e raça amefricanizada, uma fusão de indivíduos com descendentes americanos e africanos.

Além disso, existe o fato concreto de que os nossos irmãos da África não são considerados como verdadeiros africanos. O esquecimento ativo de uma história pontuada pelo sofrimento, pela humilhação, pela exploração e pelo etnocida aponta para uma perda de identidade própria, logo reafirmada alhures (o que é compreensível, em face das pressões raciais no próprio país). Mas acontece que não se pode deixar de levar em conta a heroica resistência e a criatividade da luta contra a escravização, o extermínio, a exploração, a opressão e a humilhação. Justamente porque, como descendentes de africanos, tivemos na herança africana sempre a grande fonte retificadora de nossas forças. Por tudo isso, como americanos, temos nossas contribuições específicas para o mundo panafricano. Assumindo nossa Amefricanidade, podemos ultrapassar uma visão idealizada, imaginária ou mitificada da África e, ao mesmo tempo, voltar nosso olhar para realidade em que vivem todos os americanos do continente. (GONZALEZ, 2019, p. 350)

ANÁLISE DAS MÚSICAS AMARELO E LEVANTE E ANDA E DO DOCUMENTÁRIO AMARELO – É TUDO PRA ONTEM

De acordo com a Jiani Adriana Bonin, (2008), a pesquisa de contextualização permite contextualizar o projeto e objetivo de pesquisa perante a realidade e o cenário histórico e atual da sociedade.

O contexto é a parte constitutiva e decisiva da formulação do problema, ele definiu as relações do objeto investigado com a realidade na qual está inserido. A contextualização é importante porque evita que a pesquisa se reduza a um exercício abstrato, sem vínculo com a realidade e com o mundo. (BONIN, 2008, p. 125)

A contextualização constrói uma visão abrangente sobre o fenômeno investigado e o problema de pesquisa, e ao mesmo tempo, demonstra como os casos estudados são particulares. Com essa afirmação é possível aplicar nesse projeto que a contextualização da história dos negros no Brasil, a forma como foi construído o colonialismo português sobre o território brasileiro, como a escravidão e o racismo patriarcal marginalizaram a sociedade negra no Brasil está aplicado nas músicas do Emicida e na existência da resistência cultural. Em suma, as oportunidades e a forma de sobrevivência para os negros são distintas das pessoas consideradas brancas. Atualmente, não há equidade ou igualdade em diversos âmbitos (escolaridade, lazer, moradia, empregos). Perceber esse fator apenas é possível contextualizando historicamente os fatos e com a disponibilidade do

conhecimento prévio para compreender a representação do sofrimento do racismo e marginalização através da arte em forma de música e resistência cultural.

A música de Emicida, Pabllo Vittar e Majur, chamada AmarElo, representa a luta contra o racismo e a homofobia. De acordo com Janotti (2006) a análise das músicas não está relacionada apenas com os âmbitos da linguagem musical e da produção da música em si. A análise de uma música também está relacionada com as histórias sociais e o contexto no qual a produção da música foi constituída, as características técnicas e econômicas relacionadas às canções e os signos que essas músicas foram construídas, como: vozes, timbres, ritmos, estilo e cenários musicais.

Os gêneros musicais envolvem regras econômicas (direcionamento e apropriações culturais), regras semióticas (estratégias de produção de sentido inscritas nos produtos musicais) e regras técnicas e formais (que envolvem a produção e a recepção musical em sentido estrito). (JANOTTI, 2006, p.9)

Por meio deste conceito, o artigo analisou de forma sucinta as músicas e os perfis dos representantes que compuseram e cantaram as músicas. De acordo com o site oficial do artista Emicida⁹, ele é um rapper, cantor e compositor brasileiro e é considerado uma das maiores revelações do hip hop do Brasil da década de 2000. As cantoras Majur e Pablo Vittar representam o público LGBTQIA+ e negro, elas são cantoras das cenas musicais da R&B, MPB e POP brasileiro representando as dificuldades e a resistência dos indivíduos que sobrevivem nesses âmbitos. O artigo também analisou o contexto para produção do conteúdo da música, onde é perceptível a repreensão, a falta de oportunidade de expressão e demonstração de individualidade, constantemente, representada na letra. No momento em que a letra da música reporta “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência. É roubar o pouco de bom que vivi. Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes. É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir”.

A música reforça o empoderamento contra as estatísticas da desigualdade brasileiras, onde a cada 23 minutos, um jovem negro é morto - de acordo com o relatório

⁹ Disponível em: <http://www.emicida.com.br/conheca?lang=ptbr>. Acesso em: 13/05/2021.

do Mapa da Violência¹⁰, de 2016. A vitimização negra do país, que em 2003 era de 71,7%, em poucos anos mais que duplica: em 2014, já é de 158,9%, ou seja, morrem 2,6 vezes mais negros que brancos por arma de fogo. Esses fatores se explicam, pois geralmente os brancos, têm uma dupla segurança: a pública e a privada; enquanto os marginalizados e os indivíduos que vivem nas periferias, predominantemente negros, têm de se contentar com o mínimo de segurança que o Estado oferece. Outro ponto relevante desta pesquisa é a análise feita pelo IBGE, de 2011, onde as famílias negras tinham uma renda média de R\$ 1.978,30 e as brancas, de R\$ 3.465,30, isto é, 75,2% a mais. Outro dado relevante, de acordo com o relatório “População LGBT morta no Brasil”¹¹, a cada 20 horas um LGBT é assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que demonstra o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África, onde há pena de morte contra os LGBT. E o mais preocupante é que as mortes cresceram assustadoramente nas últimas duas décadas: de 130 homicídios em 2000, saltou para 260 em 2010, 445 mortes em 2017 e 420 em 2018.

Neste contexto, o Emicida com o grupo Barbatuques, gravaram a música “Levanta e Anda”, onde demonstra a realidade da periferia e de seus moradores, principalmente a periferia de São Paulo. No refrão, a música aborda a falta de oportunidade: “Quem costuma vir de onde eu sou. Às vezes não tem motivos pra seguir! Então levanta e anda, vai, levanta e anda. Vai, levanta e anda. Mas eu sei que vai, que o sonho te traz. Coisas que te faz prosseguir! Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda. Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda. Somos maiores, nos basta só sonhar, seguir.”

De acordo com Jeder Janotti Junior (2006), a performance musical é uma forma de comunicação entre o cantor e o ouvinte e entre o consumidor e o produtor. As relações comunicacionais e midiáticas que permitem a divulgação das músicas no meio físico, como shows ou digitais, como plataformas de streaming e Youtube, refletem em métodos

¹⁰ Disponível em: https://www.mapadaviolencia.net.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf. Acesso em: 13/05/2021.

¹¹ Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>. Acesso em: 16/05/2021.

mercadológicos. Dessa forma, as letras e a sonoridade são interpretadas, embaladas e consumidas.

Analisando as demais formas de representação da música, conforme o estudo do Jeder Janotti Junior (2006), o cantor Emicida utilizou das ferramentas de midiaticização para fomentar suas ideias representadas na música, como: o show no Theatro Municipal com convidados selecionados que reforçam toda a trajetória das músicas e de resistência cultural e o documentário divulgado e disponível na Netflix, chamado AmarElo - É Tudo Pra Ontem. O documentário demonstra a criação do álbum AmarElo, ganhador do Grammy latino de melhor disco de rock ou música alternativa em língua portuguesa, em 2019¹². Além disso, o documentário reforça a história do samba e como esse ritmo era caracterizado como era marginalizado e um ritmo musical do povo negro. O filme aborda temas relevantes da história de São Paulo, como o crescimento econômico da cidade, como ela se tornou o principal centro cultural, profissional e econômico do país, como esse crescimento se intensificou com o trabalho dos negros e do êxodo rural de outras regiões pobres do país, como a imigração de povos europeus reforçava o embranquecimento da sociedade paulista e como os negros sofreram com esse ponto, foram afastados dos grandes centros e forçados a viver nas margens da sociedade e constituindo a periferia como é conhecida atualmente.

O Emicida também reforça a emancipação na era digital, a partir do conceito que a cultura rap apoia diversos jovens a serem compreendidos, conhecerem a história que antecede o mundo atual, a conquistar o seu lugar na sociedade e a lutar contra o racismo estrutural brasileiro. E, na era digital, os artistas independentes conseguem atingir números significativos e impactar diversos jovens, por meio das plataformas digitais e streaming, disseminando as ideias de forma rápida e objetiva.

O clipe da música AmarElo¹³ tem quase 9 minutos de duração, mais de 10 milhões de visualizações no Youtube e mais de 481 mil curtidas. O clipe começa com o depoimento de um jovem que expressa os seus sentimentos de invalidez, de escolhas erradas e de não compreensão de qual o seu objetivo no mundo. Após o depoimento, a música e o clipe começam na voz do Belchior, da música Sujeito de Sorte com cenas de

¹² Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/amarelo-10-motivos-para-assistir-o-documentario-do-emicida-na-netflix/>. Acesso em: 16/05/2021.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>. Acesso em: 16/05/2021.

meninas negras fazendo balé em uma escola simples da periférica, de uma mulher negra costurando, um atleta negro deficiente se exercitando e malhando e um menino negro estudando em uma casa muito simples. As imagens do clipe demonstram constantemente a verdadeira situação do povo brasileiro, das casas, escolas e centros de treinamentos dispostos nas localidades mais periféricas da cidade de São Paulo.

Figura 1. Cena do clipe da música AmarElo, representação de meninas negras aprendendo balé.



Fonte: Perfil do Emicida no Youtube

Figura 2. Cena do clipe da música AmarElo, representação dos cantores da música na escola da periferia.



Fonte: Perfil do Emicida no Youtube

O cenário de fundo de todo o clipe é a favela, onde todos os personagens que constituem a história do clipe praticam suas atividades neste âmbito, se superam, estudam e tornam-se parte constituinte da sociedade através dos seus esforços. Os artistas: Emicida, Majur e Pablllo Vittar cantam no clipe dentro de uma quadra de escola da periferia, demonstrando mais uma vez a importância do ambiente para representar a mensagem da música por meio dos símbolos. Também, reforça a importância da educação

para sociedade brasileira e marginalizada, como se o esforço e o conhecimento fossem uma das formas mais resistentes de mudar a realidade dos negros no país, mas sem deixar de enaltecer a dificuldade que esses indivíduos sofrem relacionados com os demais que possuem facilidade de acesso à educação.

CONCLUSÃO

O artigo demonstra alguns fatos do contexto histórico brasileiro sobre a população negra e abolição da escravidão. Também, contempla a luta da população negra e marginalizada brasileiro, até os dias atuais, a favor da representatividade e destaca o rap e o hip hop como parte da resistência cultural contra o racismo e outras formas de preconceitos estipulados na atual sociedade brasileira, destacando o cantor Emicida e os seus produtos artísticos e midiáticos, como: o documentário AmarElo - É Tudo Pra Ontem e as músicas AmarElo e Levanta e Anda. O artigo também contemplou a percepção dos estudos culturais sobre os conceitos de raça e identidade para contextualizar a história do Brasil e como os significados desta história estão presentes no cotidiano dos brasileiros que constituem as letras das músicas do Emicida.

Através dos estudos apresentados neste artigo é importante ressaltar o quanto os movimentos nos âmbitos culturais facilitam a criação da resistência cultural e dão de certa forma “força e voz” para os negros no Brasil, que ainda vivem sobre uma predominância de desigualdade e racismo. Porém este é um dos pequenos passos para a mudança, pois o preconceito e o racismo contra os negros ainda são predominantes na sociedade brasileiro e gera vítimas todos os dias. Por esse motivo, criar formas de manifestações e combates contra a cultura racista é um processo constante no mundo inteiro e cada vez mais está sendo veiculado nos diversos âmbitos culturais, sociais e educacionais.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. O local da cultura. 1ª ed. Bela Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CANAL DO EMICIDA NO YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>. Acesso em: 16/05/2021.

CANOSSA, Carolina. Qual o real interesse por trás da libertação dos escravos no Brasil? Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-o-real-interesse-por-tras-da-libertacao-dos-escravos-no-brasil/>. Acesso em: 10/05/2021.

GONZALEZ, Lelia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 341-352.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
JUNIOR, Jeder Janotti. Por uma análise midiática da música popular massiva. Uma proposição metodológica para a compreensão do entorno comunicacional, das condições de produção e reconhecimento dos gêneros musicais”. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/84/84>. Acesso em: 13/05/2021.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze, TORRES-MALDONADO, Nelson, GROSGOUEL, Ramón (orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 27-53.

PASSOS, Joana Célia. As desigualdades educacionais, a população negra e a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pacto_nacional_em/artigos/desigualdade_s_educacionais_eja.pdf. Acesso em: 10/05/2021.

PRUDENTE, EUNICE. Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>>. Acesso em: 16/05/2021.

RELATÓRIO GGB 2018. População LGBT Morta no Brasil. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contralgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>. Acesso em: 16/05/2021.

STARLLES, Wender. AmarElo: 10 motivos para assistir ao documentário do Emicida na Netflix. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/amarelo-10-motivos-para-assistir-o-documentario-do-emicida-na-netflix/>>. Acesso em: 16/05/2021.

SITE INSTITUCIONAL DO EMICIDA. Disponível em: <<http://www.emicida.com.br/conheca?lang=ptbr>>. Acesso em: 13/05/2021.

TANNUS, Lara. Abolição da escravatura. Disponível em: <<https://www.fflch.usp.br/596>>. Acesso em: 10/05/2021.

TONDATO, Marcia Perencin. Cidadania e consumo em Lado a Lado: a telenovela como espaço de expressão de uma nação em (trans)formação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013.

WASELFSZ, Julio Jacobo. MAPA DA VIOLÊNCIA 2016: HOMICÍDIOS POR ARMAS DE FOGO NO BRASIL. <https://www.mapadaviolencia.net.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf>. Acesso em: 14/05/2021>.

VIERA, Isabela. IBGE: negros são 17% dos mais ricos e três quartos da população mais pobre. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>. Acesso em 05/05/2021.